

SEM BARÁ NÃO EXISTE CAMINHO

Kryssia Gantes Soares¹

O princípio e o movimento

Para começar a contar quem foi Bará, precisa-se entender que, sem ele, não há movimento, não há comunicação, e não há ligação entre os deuses e os vivos.

Quando Olorum criou os orixás, ele precisava determinar tarefas e designações para cada um deles: Oxum ficou responsável pelos rios, Xangô pela justiça, Nanã pelo barro, e assim por diante. Já Bará era muito jovem e ainda imaturo; Olorum não achou por bem designar, naquele momento, um reino específico para ele. Sendo assim, Bará ficou responsável por ser o mensageiro dos orixás, levando a comunicação e os pedidos do mundo dos vivos aos deuses.

Com o tempo, Bará percebeu que, sem ele, não haveria comunicação no reino. Sentiu-se injustiçado por não ter um lugar próprio e por não ser reverenciado como deveria. Certo dia, decidiu testar os orixás e sua importância: não levou mais nenhum recado. Quando um homem pediu fertilidade a Oxum, Bará não levou a mensagem. Quando pediram saúde a Obaluaiê, ele também nada disse. Olorum, então, percebeu que as oferendas e rezas dos humanos não estavam mais chegando aos orixás. Chamou Bará e, indignado, perguntou o motivo.

Bará respondeu: “Eu caminho por todos os lugares. Sou eu quem abre os caminhos, quem leva as palavras e quem devolve as respostas. Sem mim, nenhum pedido chega até vós. Se assim é, quero ser lembrado, quero ser saudado antes de todos.”

Olorum achou sua reclamação pertinente e, então, decretou: “Nenhum orixá receberá oferenda antes de Bará, pois é ele quem abre os caminhos para todos.”

Dando-lhe assim o domínio de todos os caminhos, de todas as portas e de todas as chaves. Quando cantamos cantigas dentro dos terreiros, primeiro cantamos a Bará; quando lhe damos oferendas, primeiro é oferecido a ele. Sem Bará, não se faz nada, não há caminho.

Desde então, em cada casa, templo ou cidade, Bará é o primeiro a ser reverenciado. Ele é o guardião da comunicação e da troca, o mensageiro divino que permite que a palavra humana alcance o sagrado.

Bará e o mercado público

Agora, sabendo a história de Bará e reconhecendo que ele é um grande orixá, podemos compreender como se introduziu o assentamento que o reverencia nos mercados públicos.

A energia de Bará está inserida em todo lugar onde exista grande fluxo e troca — de palavras e de mercadorias. Nos antigos povoados africanos, as encruzilhadas e os mercados eram espaços centrais de encontro, comunicação e comércio. Esses locais reuniam não apenas bens materiais, mas também notícias, alianças, decisões e rituais. Bará, sendo o mensageiro e intermediário entre forças, era cultuado nesses espaços como o guardião das trocas.

O mercado público, nas cidades brasileiras, mantém essa função de cruzamento simbólico. É um ponto de encontro entre trabalhadores, comerciantes, clientes, visitantes e devotos — um espaço de interação e movimento.

No Batuque, o Bará Agelú é justamente o que rege o comércio e o mercado. Ele representa a energia da prosperidade e a dinâmica da troca justa. As oferendas feitas a ele — em feiras ou encruzilhadas — evocam o equilíbrio entre dar e receber, vender e comprar, abrir e fechar: gestos que fazem circular a vida econômica.

Assim, Bará não é apenas o guardião espiritual das encruzilhadas, mas também o arquétipo das trocas humanas — aquele que permite o encontro, a comunicação e a prosperidade.

Até hoje, ele é reverenciado, lembrado e requisitado quando se fala em prosperidade financeira e movimento. Seu símbolo é o círculo, forma que não tem início nem fim, rodeada na parte interna por suas chaves, e colocada no meio do mercado, no encontro dos caminhos. Esse símbolo representa sua força, o lugar onde ele sempre está — aguardando os pedidos.

Como gesto de respeito e agradecimento, é comum que pessoas lancem moedas no centro do círculo de Bará, reconhecendo nele o guardião do trabalho, da prosperidade e da vida que flui.

Alupô, Pai Bará! Que o senhor guarde e abençoe todos os caminhos e cada passo dado em busca da vitória e da prosperidade. Alupô.

Referências

BENISTE, José. *As águas de Oxalá: fundamentos e rituais do candomblé nagô*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos orixás*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SILVA, Vagner Gonçalves da. *Orixás da metrópole*. São Paulo: EDUSP, 1995.

VERGER, Pierre Fatumbi. *Orixás: deuses iorubás na África e no Novo Mundo*. Salvador: Corrupio, 1981.

¹ Acadêmica do Curso de Arquitetura e Urbanismo da UFPel.

